



Samuel Wallace Mac-Dowell

O Maior Prêmio Literário da Academia

Instituído pelo saudoso Governador Magalhães Barata.

O prêmio será de Cr\$ 250.000,00 em dinheiro e a edição da obra laureada às expensas do Estado, com apresentação de primeira qualidade e tiragem de 1.000 volumes, pela Imprensa Oficial do Estado.

Os direitos do autor serão integralmente reconhecidos, assistindo ao Estado apenas a faculdade de reter em seu poder 100 exemplares da obra editada para distribuição entre os institutos de ensino.

O autor premiado oferecerá à Academia 50 exemplares da obra para distribuição entre as Academias de Letras do Brasil e outras entidades culturais.

Os gêneros literários para a disputa do prêmio serão de romance, contos e ensaio, um em cada ano, fixando-se nos respectivos editais o gênero em disputa.

As obras devem ser escritas em Português e se conservar inéditas até o dia da distribuição dos prêmios.

Só podem concorrer escritores brasileiros, natos ou naturalizados, sem distinção de sexo, domiciliados no Estado do Pará, há cinco anos no mínimo.

Três exemplares datilografados a dois espaços, em papel tamanho ofício, deverão ser enviados à Secretaria da Academia, Rua João Diogo, 235, inscritos ao Concurso Literário Samuel Wallace Mac-Dowell.

Os candidatos se inscreverão sob

pseudônimo, remetendo junto um envelope fechado onde declarem sua intenção de concorrer ao prêmio, concordância com este Regulamento, pseudônimo, verdadeiro nome e endereço, devendo o pseudônimo e o título da obra figurarem no envelope de identificação.

O candidato premiado obriga-se a mencionar o prêmio recebido nas edições da obra laureada e na propaganda da mesma.

A Comissão Julgadora será constituída de três membros da Academia Paraense de Letras, eleitos pela Diretoria, sob a Presidência do Sr. Secretário de Educação e Cultura, que não terá direito a voto.

As obras deverão ser entregues até o dia 31 de dezembro de cada ano e serão julgadas até o dia 31 de março do ano seguinte.

O prêmio será entregue a 3 de maio de cada ano, data do aniversário da Academia, em sessão pública, abrindo-se nesse dia as novas inscrições.

Nenhum candidato poderá concorrer com mais de uma obra ao mesmo prêmio.

O candidato que for laureado não poderá concorrer ao mesmo gênero literário durante o período de 2 anos.

Os sócios efetivos e perpétuos, honorários e correspondentes da Academia Paraense de Letras não podem concorrer ao presente concurso.

As comissões julgadoras não terão

relatores, sendo obrigatório que cada membro apresente, por escrito, o seu parecer, que deverá ser, tanto quanto possível, circunstanciado.

Da decisão da Academia não haverá recurso.

Prescreve o direito ao prêmio no prazo de 6 meses a contar da data da solenidade da entrega.

Falecendo o vencedor do prêmio antes da entrega respectiva ou no decorrer dos 6 meses estabelecidos para a prescrição, a importância correspondente reverterá em benefício da família do escritor premiado, bem como os direitos autorais.

Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora e o Sr. Secretário de Educação e Cultura.

Leia neste Número

- Bruno Sempre
- Carlos Rocque: Pesquisa em Alta Dimensão
- Benedicto Monteiro: Cheio de Milagres
- A Grã-noite de Acyr Castro
- O Maior Prêmio Literário da Academia
- Poesia Maranhense: Maestria Popular
- Ronaldo/Canto e Contracanto/Bandeira
- A "Viagem Íntima" de Aristóteles
- Poesia Imortal
- O Barão e a Revolução

"É preciso retomar o romantismo, ver novamente as coisas com paixão, acreditar no poder de transformar a palavra em vida como o único remédio para a grande anemia espiritual do homem moderno".

Paulo Bomfim

BRUNO SEMPRE

Já dissemos e repetimos que ultimamente, em Belém, o processo editorial ganhou consistência inusitada. Apesar das dificuldades gerais (que necessariamente afetam o plano cultural), as oportunidades de publicação de obras literárias e/ou científicas se oferecem permanentemente, hoje, ao escritor paraense.

Talvez os dois empecilhos básicos à irradiação do material impresso sejam: — a ausência de um plano de distribuição em livrarias e bancas de revista; — o desconhecimento de nossa literatura, de nossos textos amazônicos, pela maioria dos professores que lidam com a língua oficial do país, deixando os alunos e a escola (esta, o berço do futuro leitorado) quase à margem do que se escreve em nossa região.

Os professores de português, por outro lado, sobrecarregados de aulas para faturarem um pouco mais, merecendo o necessário descanso nos fins-de-semana, mal têm tempo de ler o jornal do domingo, quanto mais de apanharem o Dalcídio, o Apio Campos, o Paes Loureiro, o Haroldo Maranhão, Bruno, Max, Acyr, Georgeron, Alonso Rocha, Benedicto Monteiro, Lindanor, e tantos e tantos outros escritores que nada ficam a dever, nas suas obras, aos que são propagandeados ao País, a partir do Sul.

Apesar de tudo, o Governo do Estado, através dos órgãos culturais, vem evidenciando acendrado carinho pela divulgação das obras marcantes da literatura paraense.

Isto acaba de acontecer com o lançamento do famoso livro "BATUQUE", do poeta Bruno de Menezes, 6ª edição, comemorativa do 91º aniversário do autor, dentro da Coleção Literatura Paraense, Série Inglês de Souza.

O acontecimento teve lugar dia 20 de março, no auditório do Conselho Estadual de Cultura, sob a presidência da Professora e Acadêmica MARIA ANUNCIADA CHAVES, e a presença de autoridades, familiares de BRUNO DE MENEZES e convidados que receberam, durante a solenidade, a Medalha Cultural Prof. Dr. Acilino de Leão.

Em nome da família do homenageado, falou a professora MARIA LEONORA MENEZES DE BRITO, traçando o perfil do seu genitor, cuja poesia se vivi-

ficou na interpretação de CLAUDIO BARRADAS, teatrólogo de nomeada entre nós e noutros Estados do Brasil.

Além da palestrante e do teatrólogo citado, receberam a Medalha Cultural, a colaboradora deste SUPLEMENTO, Maria de Belém Menezes, o desembargador Stéleo Bruno de Menezes, o monsenhor Geraldo Menezes, poetas Rui Barata, Max Martins e José Ildone, historiador Carlos Rocque, o acadêmico Octávio Avertano Ro-



cha, o presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas: Joaquim Inojosa, Raymundo Martins Viana (responsável pela ilustração do livro "BATUQUE"), professora Maria Ruth dos Santos Menezes, José Haroldo dos Santos Menezes e irmã Marília Teresinha dos Santos Menezes.

Apresentando a 6ª edição, que foi distribuída aos presentes, diz a acadêmica MARIA ANUNCIADA CHAVES: "Jornalista, folclorista, pesquisador, escritor, funcionário público, acadêmico, Bruno de Menezes foi, acima de tudo, o mais autêntico poeta popular do Pará. Esta a sua maior glória, esta a marca indelével que o conservará vivo, para sempre, na

literatura paraense. Amava a vida em seus múltiplos aspectos e amava a poesia como forma de expressá-la, lírica e espontaneamente. Conhecia Belém como poucos e dela fez o cenário de quase toda a sua obra, cuja parte mais bela e mais vibrante é a de inspiração africana, que assimilou diretamente, nos subúrbios da capital guajarina, no Umarizal, na Cremação, na Pedreira, no Jurunas, nos terreiros de macumba, nas rodas populares do Ver-o-Peso e do cais do porto.

Daí a importância deste livro na produção intelectual de Bruno. Viva, rude e sensual, mas, ao mesmo tempo, ritual e mística, a poesia de "Batuque", com seus ritmos afro-brasileiros, foge a todo convencionalismo e retrata, em traços fortes e líricos, a permanência da cultura africana no homem amazônico. Por isso, "Présence Africaine" — revista editada em Paris — em seu número de abril-maio-1960, saudou o aparecimento de "Batuque" como "uma coleção de imagens vivamente coloridas, com estuantes de sabor popular, porém impregnadas de uma atmosfera sagrada e mística", não encontrada, habitualmente, na poesia negra latino-americana."

E concluindo tão significativa apresentação, esclarece a douta presidente do Conselho Estadual de Cultura: "Rejubila-se, pois, o Conselho Estadual de Cultura em reeditá-lo, a pedido da Professora Francisca Santos de Menezes, viúva do saudoso escritor. Lamenta, entretanto, que a extraordinária mulher, cuja compreensão, generosidade e abnegação tanto contribuíram para que o poeta pudesse construir a sua grande obra, não mais esteja conosco para receber, entre suas mãos enérgicas, que a enfermidade tornara frágeis e trêmulas, este volume com o qual tanto sonhara. A sua memória dedica o Conselho, com afeto, admiração e saudade, esta 6ª edição de "Batuque", na certeza de que o canto pagão, sublimado pela fé que a enriquecia, alcançará as alturas misteriosas onde ela se encontra, na mais original oferenda partida da terra rumo ao céu."

E, como nunca é tarde para repetir nosso Bruno (autor de um dos mais fabulosos versos da literatura nacional: "Dos teus seios, Mãe Preta, teria brotado o luar?"), convidamos os leitores a saborear, no fundo negro da cuja pitinga, um trago desta

CACHAÇA

O negro arrancado ao torrão congolense!
Tocaste urucungo nos brigues corsários,
dançaste de tanga batuques e jongos
à força de pêla
fingindo alegria!
Foste quem plantou partidas de cana
na terra da América,
que o engenho ainda hoje mastiga rangendo.

Surrado vendido
mas tendo na alma
seu santo Orixá.
Sem nunca esqueceres a selva do Congo,
os verdes coqueiros os teus bananais,
fizeste o açúcar o mel a cachaça
que esquenta o teu sangue,
que te dá coragem.

Cachaça é tua vida,
tua festa teu mundo,
saúde remédio até valentia.
Coleira de ferro,
"bacalhau" palmatória,
tu nada sentias tomando da "pura".

"Martin Pescador" é teu camarada
porque bebe "gole" sem nunca tombar.
O teu Pai de Santo,
tua "mãe de terreiro",
o teu "encantado" o teu "curador"
só fazem "trabalho" cuspidos a "chamada"...

Cachaça é teu céu
onde tem assento
Ogum Omulú Ochossi Oxum.
Toda tua crença de alma sofrida
tu sentes no peito
louvando a "caninha".

"Tambores da Mina" Batuques Macumba,
si o teu "assistido" te faz seu "cavalo",
retorces os membros
relinchas fungando,
escarvas o chão
mastigas cigarros
sem nada sentir,
porque a "branquinha" teu corpo fechou.

Cachaça nascida do olho da cana,
que faz com que o negro nem pense em morrer,
que põe nas mãos dele culcas e surdos
na hora dos ranchos dos sambas e choros.
Que sai do alambique cheirando a restilo
já pronta pra tudo
que a gente quiser.
Se não fosse o negro "cachaça marvada",
como é que virias do sem fim do mundo?

Só tu é que animas qualquer putirum,
só tu dás consolo
aos que não te negam.
Que fazes os olhos ficarem tristonhos,
as bocas cantarem toadas monótonas
na dança dos pretos cheirando a suor.

Que fazes os braços ficarem mais ágeis
na estiva no rodo empurrando carrinho,
dando pão de fogo pra boca das fornalhas.

Senhora de Engenho Senhora Cachaça
liberta o teu negro
que sofre o feitiço
que Tu lhe puseste
de gostar de til...

SUPLEMENTO CULTURAL - 20 DE ABRIL DE 1984

Poesia Imortal

Seleção de José Ildone

1 - POETA

JORGE MA-
TEUS DE LIMA (U-
nião dos Palmares,
AL, 1895 - Rio de
Janeiro, RJ, 1953),
poeta brasileiro.
Partindo de um li-
rismo de cunho re-
gionalista, passou
por uma fase de
preocupação soci-
al, depois se vol-
tou para o misticis-
mo e finalmente
sintetizou todas es-
sas tendências em
sua obra mais fa-
mosa, Invenção de

Orfeu (1952). Outras
obras: O Mundo do
Menino Impossível
(1925), A Túnica In-
consútil (1938), Poe-
mas Negros (1947).
Deixou, também,
alguns romances,
dentre os quais se
destaca O Anjo, e
ensaios sobre a
obra de Proust e
sobre o MODER-
NISMO brasileiro.
(Biografia extraída
da Enciclopédia
TUDO/Abril Cultu-
ral).

2 - O POEMA

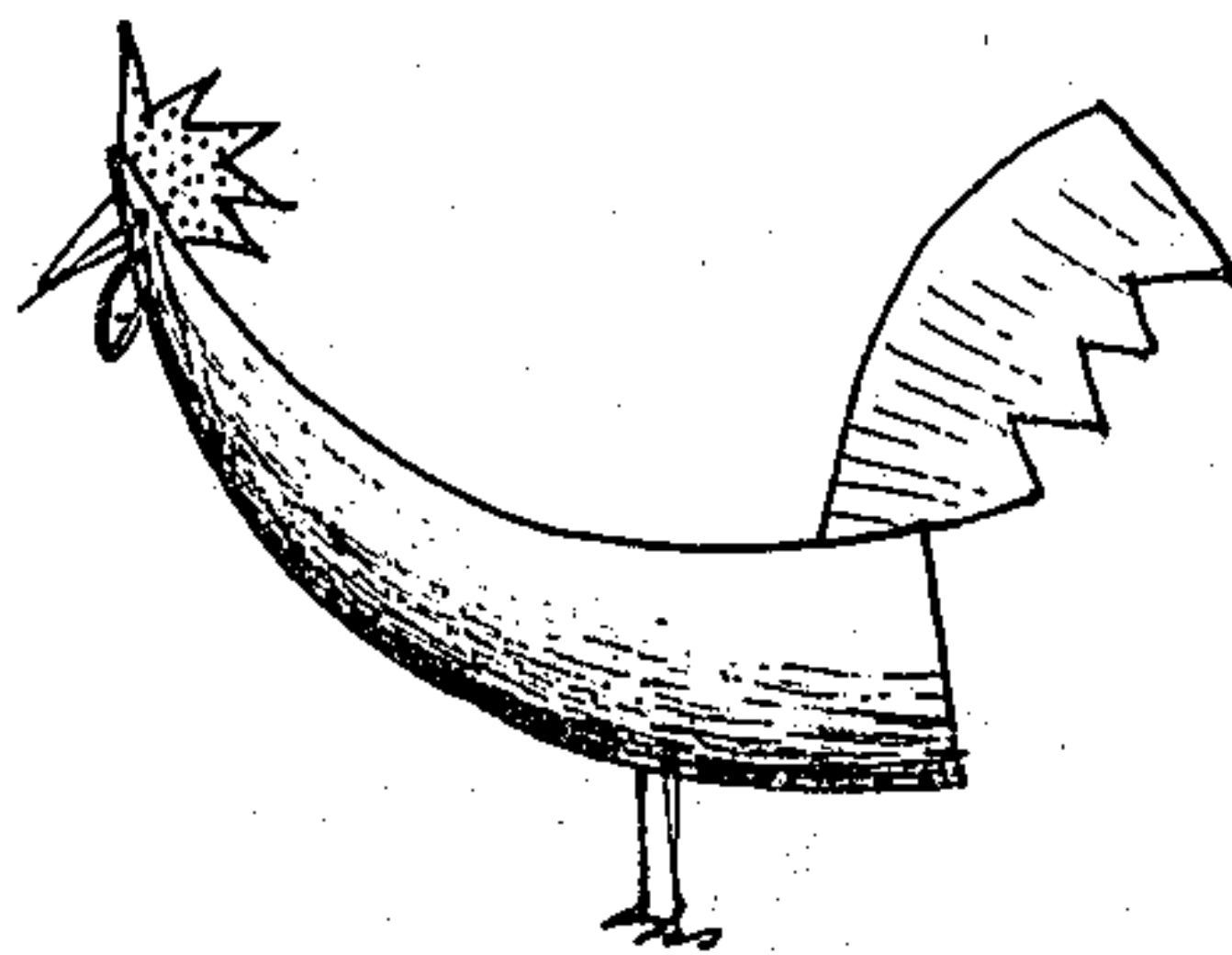
SONETO

Este é o marinho e primitivo galo
de penas reais em concha e tartaruga.
Com seu concerto afônico me embalo,
turva-se o vento, o pélagos se enruga.

Silencioso clarim, mudo badalo,
dos ruídos e ecos rápido se enxuga.
Jorra o canto sem voz do seu gargalo
e se encrespa no oceano em onda e ruga.

Galo sem Pedro, em pedra vivo galo,
de córneos esporões de caramujo,
- tubas dos espadartes e cações.

O dia sem mistério, sem vassalo,
esvai-se no seu bico imenso, em cujo
sôm as brasas da crista são carvões.



O Barão e a Revolução

Continuamos publicando trechos da obra monumental **MO-TINS POLITICOS**, de Domingos Antônio Raiol, Barão de Guajará, cujo pai, vereador da Câmara da Vigia, foi vítima dos revoltosos, quando do segundo assalto cabano à próspera Vila da Vigia.

Várias ocorrências de caráter sócio-político, em 1834, determinaram a grande revolução popular brasileira, chamada **CABANAGEM**, que teve seu clímax em 1835.

Com a palavra o Barão de Guajará, focalizando o cônego **BATISTA CAMPOS**, herói cabano, em seu posicionamento contra Lobo de Sousa, Presidente da Província do Pará.

Lobo de Sousa, despeitado como se achava com a oposição do cônego Batista Campos, julgou que poderia explorar com vantagem a administração deste na qualidade de provedor da Santa Casa, e tentou chamá-lo a contas a fim de fazê-lo pelo menos emudecer com receio de ser responsabilizado pelas faltas que lhe imputavam. E com este propósito pediu-lhe várias conferências e informações, mas nunca as pôde obter, pelo que no dia 26 de junho dirigiu-lhe a seguinte portaria:

"O senhor Arcipreste João Batista Gonçalves Campos, na qualidade de provedor da Santa Casa da Misericórdia, comparece-

rá no palácio do governo sem perda de tempo para negócio urgentíssimo a bem dos miseráveis doentes do mesmo hospital."

E como visse que os seus atos eram todos frustrados, porque o cônego Batista Campos, avisado de tudo, se prevenia de modo que ninguém conseguia encontrá-lo para entregar-lhe qualquer papel vindo de palácio, ele incumbiu a entrega desta portaria a Afonso de Melo, que lhe merecia inteira confiança dando-lhe a conveniente ordem com igual data (...)

Ameaçado, o cônego Batista Campos receava ser vítima do arbítrio do presidente, e por isso andava foragido sem quase residência conhecida. Nos limites da lei não via mais meio de melhorar a sua posição. Veio-lhe à mente a idéia da deposição das primeiras autoridades; mas julgava-se traído e abandonado pelos seus melhores amigos, e temia não ter apoio que lhe pudesse assegurar o bom êxito da conspiração.

Lançando a vista sobre o terreno que ia pisar, hesitou uma e muitas vezes diante das dificuldades de tão arriscada empresa. Só via em torno de si gente que não lhe podia dar a força moral de que carecia, alguns poucos aliados que ainda esposavam a sua causa, e os adversários que o aplaudiam e abraçavam o seu partido menos por convicções do que por conveniência própria. Estes últimos, vendô-o hostilizar o

inimigo comum, o animavam na oposição e até lhe teciam pomposos elogios. E não devia causar isto estranheza.

Em política, quando a divergência não nasce de princípios, a luta é sempre pessoal, ardente e acrimoniosa; mas também a trégua é frequente, e não é raro ver-se o ódio encarniçado de repente transformar-se em afeto estreme-cido; as relações sociais facilmente se estreitam ou rompem quando as enlaçam ressentimentos e ambições. As mesmas ofensas são de pronto esquecimento, e nunca repugna ao interesse individual vê-las substituir por ósculos fraternais.

Ocônego Batista Campos compreendia os manejos políticos, e conhecia os homens com quem lidava. Lembrou-se de que poderia tirar proveito das desafeições que Lobo de Sousa e Santiago haviam criado entre muitos personagens de prestígio na província. No número destes contava-se o tenente-coronel Félix Antônio Clemente Malcher. Sabia-se que este, indo a palácio em visita de cumprimento, fora increpado por Lobo de Sousa como um dos principais autores do bárbaro morticínio do Palhaço, na qualidade de membro que fora da junta provisória. Sabia-se mais que, não lhe sendo retribuída esta visita, ele se julgara ofendido em seu melindre, e agastado rompera as suas relações com Lobo de Sousa a quem nunca mais procurara."

**Suplemento
cultural**

Elaborado pela
**IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO**
sob a coordenação de:
**GILBERTO DANIN
JOSÉ ILDONE
GENILDO MOTA
JOSÉ PANTOJA
EUNICE ARAÚJO
CONCEIÇÃO MALATO e
IVANILDO SOARES**

Governo 
Jader Barbalho

"Mãos Dadas":

Excelente Programação

Recebemos a visita dos professores **PAULO NUNES** e **JOSECLÉIA FARES PAES**, ex-alunos do Colégio "Deodoro de Mendonça", que, junto a outros ex-alunos daquele estabelecimento belemense de ensino, criaram o grupo de ação cultural "Mãos Dadas". Há vários anos o "Mãos Dadas" vem executando uma tarefa altamente louvável, pois se propõe enfocar, promover e, assim preservar e engrandecer a literatura paraense, além da música local.

Vários poetas e compositores do Pará foram estudados pelo grupo, que planeja, para este ano, nova série de encontros e apresentações, inclusive

dando oportunidade aos leitores e ouvintes de contactarem com os autores e músicos estudados.

Entre este, figuram o grande nome nacional **Waldemar Henrique**, **Rui Barata**, **Paulo André Barata**, **Vital Lima** (compositores e/ou poetas) e **Atônio Tavernard**, **Bruno de Menezes**, **Apio Campos**, **Max Martins** e **José Ildone** (poetas).

No devido tempo, daremos a programação detalhada do evento que, se imitado pelos estabelecimentos de ensino desta Capital, traria expressiva contribuição ao soerguimento da cultura local.

Persistência e Êxito no Cantor

Trabalhou só, inclusive contra a vontade dos parentes. Saiu pelo mundo, sofrido, mas teimoso em realizar-se. Não procurava, como ainda hoje afirma, a fama. Só ser conhecido. Mostrar sua vocação para o canto. A preparação, em terra maranhense, como guitarrista e professor de violão.

1970: a convite de amigos, em Recife, onde a gravadora Rosenblit prensou seu primeiro compacto duplo.

Nele, a música "Nathalie" (mulher-ficção), de grande beleza orquestral, prevalecendo um dueto de metais, sincronizado com o falsete do cantor, foi o sucesso nacional.

Garante que à imprensa deve seu impacto.

1978 foi um ano de convites pelas gravadoras. Em 79, gravou em São Paulo: "Confissões de um Rapaz" (carro-chefe: "Ah, sé eu pu-

desse encontrar"). Em 81, o long-play "Mistério de Amor" (em São Paulo).

Hoje, está com o compacto mais vendido na região: "Bandido". E com o assédio de gravadoras fortes (Fermata, RCA).

Uma de suas letras, em que foge do trivial, em boa elaboração:

MINHA META — Eu quero morrer no espaço / Entre os planetas, / Estre as estrelas. / Eu quero os pedaços da rocha / Onde eu possa me afirmar. / Eu quero o meu túmulo de vidro / Pra que possam me enxergar. / Eu quero as noites fervidas / Pra meu corpo aguentar. / No mundo atual em que vivo / Eu preciso de abrigo, / De sombra, de peças e nada mais. / Em matas selvagens / Eu já vivi. / Corri pelos campos, / Estradas e serras, / Mas até eu saber / Qual será minha meta, / Eu já morri.

Observação

— No número 23 deste SUPLEMENTO, à página 9, saiu incorreto o nome do autor do livro "BELEM, BELEM". Trata-se, na verdade, do escritor paraense ALFREDO OLIVEIRA, a quem pedimos desculpa pelo lapso.

Já a matéria "Um As do Atletismo" foi-nos fornecida pelo colaborador WILLAME COELHO.

E na página 11 do nº 24, sob o título: "A GRANDE ENCICLOPÉDIA DA AMAZÔNIA", leia-se: para atendimento... / dos verbetes... / pretas; a que tem... / selva amazônica... / a aproximadamente...

Recebemos

— Do Sr. ARISTHEU BULLHÕES, membro da Academia Santista e socio-correspondente da Academia Paraense de Letras, correspondência encaminhada ao SUPLEMENTO através do acadêmico GEORGENOR FRANCO, na qual declara, em relação ao SUPLEMENTO CULTURAL, que "publicações assim estimulam a Cultura e deve merecer nosso apoio". E um recorte de matéria publicada na imprensa de Santos (S. Paulo), cujo termo transcrevemos a seguir: "SUPLEMENTO CULTURAL - Salientei, outro dia, nesta coluna, a importância literária de dois Suplementos: o do "Leitura", da Imprensa Oficial de São Paulo, e o da Imprensa Oficial de Belo Horizonte.

Estou recebendo, agora, o "Suplemento Cultural" do Diário Oficial de Belém, no Estado do Pará.

A coordenação desse men-

sário está a cargo de Gilberto Dandin, José Ildone, Genildo Mota, José Pantoja, Eunice Araújo, Conceição Malato e Vanildo Soares.

O Suplemento Cultural já tem dois anos de vida e, pela amostra que nos fornece o seu exemplar nº 22, de janeiro findo, muito em breve liderará os demais mensários de igual natureza".

— Ofício nº 83, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), de 19 de março, assinado pelo ilustre Presidente, Prof. Dr. José da Silveira Netto, nos seguintes termos: "Muito me apraz acusar o recebimento de dez (10) exemplares do SUPLEMENTO CULTURAL do Diário Oficial do Estado do Pará, remetido gentilmente para a Biblioteca deste Instituto pelo nobre amigo e Confrade.

Ofício da ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS (de 19.03.84), acusando o recebimento do SUPLEMENTO CULTURAL, destinado à BIBLIOTECA ALVARO DE CARVALHO

— Ofício do poeta JOÃO DO REGO GADELHA, representante da SHOGUN ARTE-NORTE/NORDESTE, do qual extraímos o seguinte parágrafo: "Ficamos muito honrado pelo reconhecimento modesto mas firme, decisivo, em dinamizar a cultura paraense não apenas nesta região amazônica mas, sim, em todo o território nacional como está acontecendo com a nossa ANTOLOGIA DE POETAS PARAENSES, cujo lançamento dar-se-á nesta capital, no dia 26 de abril vindouro, às 19.00 hs., na Livraria Martins, à Av. Nazaré".

Agradecemos, penhoradamente, as palavras de incentivo.

000818

A "Viagem Íntima" de Aristóteles Miranda

"VIAGEM INTIMA", livro de poemas que ARISTÓTELES GUILLIOD DE MIRANDA vinha escondendo, acabou comparecendo à minha sala de trabalho. E, por ter valor, o SUPLEMENTO CULTURAL lhe dá a merecida cancha.

Trinta páginas datilografadas, com poemas simples, geralmente curtos, com ternura ou protesto, erotismo e a mornidão do cotidiano.

O manejo verbal mostra-se em transição para o excelente. E esse pormenor (que não é menor pelo fato de ser pormenor) dá ao poeta sustância lírica, bom ritmo e garantia de ascensão tranqüila.

Uma das virtudes do ARISTÓTELES MIRANDA é evitar o lugar-comum, a frase feita, o chavão poético, elementos amarrotadores de qualquer pretensão de competência, nos caminhos da poesia.

Mesmo na simplicidade, há um sentido de criar e expressar algo novo, dizer, enfim, o que os outros não disseram ainda, ou derivar através de caminhos próprios e não imitativos.

A concisão também é um galardão e o poeta em foco demonstra rara aptidão para esse exercício de ensecadura do verso. O tempo, o exercício, o estudo dos mestres, com certeza, lhe darão o pontó ideal neste difícil território poético.

Agora, mostremos a poesia de ARISTÓTELES MIRANDA (paraense, solteiro, médico, especialista em Cirurgia Vasculár, nascido a 30 de janeiro de 1954, e, desde 1971, "pelejando na poesia", com nome na Antologia de Poetas Paraenses, da Shogum, e planos de editar o livro "O PROVISÓRIO DEFINITIVO"), para a avaliação pessoal (e, sob todos os pontos, respeitável) dos nossos leitores.

LAR

A fam/ilha são as pessoas cercadas de casa e silêncio por todos os lados. O pai compila, às tardes, as pobres histórias

dos inúteis heróis nacionais. A mãe cochila o cansaço do cotidiano, na cadeira, entre a televisão e o tédio. No quarto, a rede embala o filho, prenhe de sonhos, aprendiz da vida.

1964

Então, foi decretado o escuro. Eu, que nem iniciara o prendizado da luz, fiquei sem sol.

1a. CANÇÃO DE AMOR

Inesperadamente, as poluições noturnas passaram a ter um rosto.

VIAGEM INTIMA

Balança a mente num balanço de anos / nós (as datas marcam como grilhões interiores) o dia claro de sol a tarde morna de céu a noite plena de cio assim sou assim vou ao longo da estrada das rugas, três décadas me contemplam.

"Apologia" - Poesia

"Apologia" é o título do livro de pemaś de OBDIAS ARAÚJO, filho de Macapá, onde também pontifica na arte musical.

No prefácio, Isnard Lima fala sobre "Apologia":

"Entre altos e baixos, piques e rasantas, Obdias Araújo em sua inauguração em livro, demonstra a vocação de poeta e promete prosseguir no espinhoso roteiro da Poesia, nossa irmã desamada e incompreendida. Apesar da revolta contundente de alguns poemas, o poeta e irmão iniciante do Fantástico (o poeta sem saber às vezes também é um mago) pode afirmar em **Exclarecimento**: "Acontece que sou meigo/tenho uma flauta/ E/ No último Verão/ Estive em Hamelin."

O ilustre apresentador esclarece ainda: "Pela intimidade com a música, seus poemas, além do ritmo, são musicais; pela vivência de boêmio, trazem traços e retratos de noite e madrugada, falam de flor e mulher e estão orvalhados de lírico etilismo. Porque o poeta

para ser poeta tem coisas, além de não convenções sociais."

OBDIAS ARAÚJO grande poeta amapaense "está exibindo em sua poesia. Simples mas densamente como."

O poeta, em contactava com vários cos de cultura, para o lançamento de seu livro Amazônia. E conquistou o SUPLEMENTO CULTURAL

Mas é preciso por si só. Diga, com palavras entredentes, sua nada, a esperança palavra, o poeta amapaense

Faredes de ripa

DISPONIBILIDADE

Chão de tábuas n
E cruas cobertas
A música que cor
Solta no ar
A alma dos home
Que vivem de
aventuras errantes
Prostitutas gordas
Que te fazem cora
Pois és belo
Tens presença
Dinheiro
E dentes naturais
A fumaça da liam
Funde-se aos me
E as quatro irmãs
Oíham para a lua
Enquanto a árvore
Taciturna
Me sorri um riso
Sublevo-me
Não gosto do que
E decido sofrer
Para não morrer

Palavras

Nos recôncavos
Vêm-se, hoje
nas paisagens ad
enfilharada estaca
onde, sob habitaç
corações pulsam,
num vibrar veeme
de um gentio forte
de civil consorte
— amantes cheios
mas, sem a fanto
Retrocedemos à p
comentando:

SUPLEMENTO CULTURAL

000819

de conhecer essas
ligar muito para as

UJO, segundo o
ense Alcyr Araújo,
livro de estreia, a
s, sem arabescos,
arregada de liris-

visita a Belém,
rios órgãos públi-
a garantir o lança-
na Metrópole da
distou o apoio do
TURAL.

o que o poeta fale
a flama das pala-
a verdade, sua jor-
indomada. Com a
apaense.

HO

ias
e palha

ns

e

r

da
s pensamentos
do solo
indiferente

rio

vejo

nais.

afita

ão do Rego Gadelha

ormecidas,

ria
ões lacustres,

nte,

de brasilidade l -
hada ociosidade.
ré-história,

— quantos homens, naquela época,
construíram seus lares
em lagunas? -

ou todo esse nosso visual inquietante,
representam, em transplante,
uma mesma sociedade justa, indiferen-
te, amorfa?

Nesse panorama; retrógado, incoerente,
não podemos ser um amenista
ou jamais resignado a esse "status quo"
antipoético;

porém, lançarmos um cartel
para que, na cartologia futura,
não se observasse tal fertilidade,
sob a sombra de um
fetichismo cultuado!

O Cansaço do Líder

Emir Bemerguy
Santarém - 1984

Por muitos anos fui locomotiva:
Puxei pessoas ...fiz ...aconteci...
O que eu buscava nessa vida ativa,
No afã de líder máximo daqui?
Sei lá ...Talvez a glória furtiva
Que os homens lança em louco frenesi...
Queria ter de tudo a iniciativa
E nesse atroz esforço encaneci...
Mas, me avassala, agora, este can-

saço...
Sem ilusões, sem alma, nada faço
Que em mínima evidência me coloque...
Foi tudo inútil...Renuncio à luta.
O minha gente, por piedade, escuta:
Hoje eu só quero alguém que me
reboquel...

Instante Especial

Sylvia Helena

Na marcha das horas contei um minuto
para te encontrar em minha vida.
Um minuto apenas
que representa um século.
E na ânsia indomável do meu caminhar
na cidade morena e mormacenta,
matizei flores na estrada do meu futuro
e fiquei à tua espera
Quando chegaste ao raiar da aurora,
lírios imaculados vicejaram dentro de

mim
e tudo foi um grito de primavera.
Depois partiste na tristeza de um poen-
te,
para outros mundos que não pude atin-
gir.
murcharam os lírios brancos lentamente
dentro do meu sentir.
Só vejo a neve esbranquecida, agora
caindo sobre mim pesada e fria,
amor talhado esse minuto que foi hora
na minha vida vazia.

Mulheres da Missa

Jota Amóras

Mulheres da missa
que passam apressadas
vestidas de negro
suadas, sedentas,
rezando baixinho,
de terço na mão.
São os anjos de negro,
beatas tristonhas
de mãos bem postadas
pedindo ao Senhor
a paz para o mundo
Mulheres da missa,
mulheres do amor,
traduzem sua dor
rezando ou cantando
as preces sagradas
que o Padre ensinou.
Mulheres da missa,
sedentas do céu,
das coisas divinas
já velhas e curvadas,
traduzem seus anos
nos bancos da sé
ouvindo sermões
que falam de fé.
São mulheres da missa,
São as velhas beatas
sedentas do céu.

Silêncio

E por que eu calo?
Achei um jeito estúpido de silenciar a dor.
Ah, as pessoas estão certas... incontidas
num desespero fingido, espúrio, perdidas
em seus mundos.

E eu me pergunto: acreditar? Em quem?
Se todos estão dispostos a pisarem nossas
mãos
quando tentarmos alcançar as últimas flores
desse mundo fétido.

Mas que poeta negativo, revoltado... burro.
Final, o mundo é dos homens sensatos.
Esperem homens famintos encenarem atos
da misericórdia;
Esperem que as crianças renovem o mundo
com seus brinquedos eletrônicos infernais e
vejam com quantas peças se faz uma guerra.
Acreditas?

MARCO AURÉLIO ALMEIDA LOBÃO

Ronaldo/Canto e Contracanto/ Bandeira

Nosso convidado desta edição é o jornalista, publicitário e economista ANTONIO RONALDO BANDEIRA DOS SANTOS. Seriam essas atribuições ou qualidades primeiras que o fazem poeta, ou não seria o poeta que desencadearia toda essa capacidade?

Nascido em Belém, filho ou invento de pai pintor e mãe musa dedicada, receita que gerou mais 5 irmãos. A família transferiu-se para o Território Federal do Amapá onde RONALDO BANDEIRA viveu sua infância e adolescência e começou a invadir os espaços publicando seus primeiros poemas em jornais estudantis. Em 1965, viajou para o Rio de Janeiro, cursando Comunicação Social e trabalhando como repórter do Jornal do Brasil. Muitos poemas do seu livro "Canto & Contracanto" nasceram nesta fase.

De volta à terra trabalhou no jornal "O Estado do Pará", onde manteve uma coluna diária sobre a noite e outra semanal sobre publicidade.

Foi redator e layoutman no Stúdio A Publicidade, concluindo o curso de economia pelas FICOM. Participou como debatedor do V Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literária e 1º. Seminário Internacional de Literatura, realizado em Campina Grande (PB) onde na oportunidade lançou seu "Canto & Contracanto" com brilhantismo.

Conseguiu os 1º, 2º, e 3º. lugares no 1º. FESPON, 1º. lugar no 3º. Encontro de Poetas oficializado pela SEMEC, através da DETUR. Recebeu Menção Honrosa da Academia Paraense de Letras pelo "Canto & Contracanto". Faz parte da Antologia Nacional de Novos Poetas, editada em São Paulo.

Atualmente RONALDO BANDEIRA é Assessor de Relações Públicas e Imprensa da EMATER-Pará, trabalha na Editoria do jornal "Diário do Pará", toca seu romance "Mais Infinito e Menos Infinito" e curte sua esposa e filho que são seus críticos e colaboradores.

O romance a ser publicado "Mais Infinito e Menos Infinito", trata da trajetória amazônica de um homem pescador, com muita magia e realismo. O

romance é um poema de vida e morte como a vida em morte e vice-versa.

Vale a pena aguardar sua publicação como valeu a pena trazeremos o homem poeta nesta edição.

O poema que apresentamos faz parte do livro "Canto & Contracanto".

Rosa da Noite

(Medalha de Bronze no 1º. Festival de Poesia do Moderno)

ESTE poema é teu Rosa da Noite embora saiba que nunca vais lê-lo e para que o lêsse deveria serrude fedendo a suor e leite. óleo de mutamba Royal Briar, mas, este poema é teu Rosa da Noite

Apago o spotlight inaugura-me de novo Rosa de Carne Inaugura-me novamente Rosa das Gentes

Na penteadeira antiga batons, espelhos e perfumes ordinários, óleo pra cabelo o dinheiro o dinheiro escondidinho debaixo do pano.

Teu retrato de lácinho da primeira comunhão, falando-me que um dia exististe pura, meiga, gente.

Apago o spotlight inaugura-me novamente Rosa da Vida. No teu rosto as cicatrizes do ciúme eu tinha medo na nudez total das palavras obscenas que dizias descobrindo a minha frágil geografia corporal.

Temia a polícia, o canivete

os arruaceiros, os amigos do meu pai, mil berrados no Curral das Éguas o riso zombeteiro dos colegas entretanto Soltavas levemente os negros cabelos e abrindo a roupa, mansamente sussurravas — Tira a roupa, menino Calma, calma, calma.

Apago o spotlight inaugura-me de novo Rosa do Povo.

Teu corpo com muitas marcas faça fria que incendeia minha escuridão de medo Teu abraço, forte, caboclo boca fedendo a cachaça corpo molhado, carne contra carne gemidos e uivos do amor mulher/onça onça/mulher.

Teu corpo valia mais muito mais que os dez cruzeiros valia todo este meu reino mulher/folia/veneno, imensamente desejei amar-te, um amor bravo, probo, incendiário qual, amor de gente grande

Apago o spotlight inaugura-me de novo Rosa dos Ventos.

Um dia triste, cinzento voltei aos teus braços dizia-me infeliz (mentira) entretanto não mais me percebias entre cachaça e outras bocas giravas na beira rio da vida nos braços de um gigolô dormias, sol clareando e os boleros de Bienvenido Granda.

Querias esquecer o igarapé, os homens sujos de graxa as navalhadas, o aluguel do quarto o tapa, a faca, a delação.

Voltei pra casa e nunca mais desejei rever-te. Rosa Madrugada apago o spotlight Vai viver as tarefas da noite Rosa do Mundo Rosa do Amor Rosa da Vida Rosa do Povo.

A GRÃ-NOITE DE ACYR CASTRO

A noite de 29 de março, o Teatro da Paz teve uma movimentação extraordinária. Não era balé, nem apresentação de música popular brasileira, mas o lançamento do livro "O GRÃO DA ESCRITA", do jornalista-estilista ACYR CASTRO.

Um dos veteranos articulistas do Pará, membro da Academia Paraense de Letras e atual Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, ACYR CASTRO foi prestigiado pelos inúmeros amigos que ele soube e sabe fazer, pelo fino trato que dispensa a todos, indistintamente.

Edição bem cuidada da Falaranga Editora, capa de outro poeta e artista plástico, Age de Carvalho, 127 páginas, o lançamento em noite de autógrafos, possivelmente recordista em Belém, "marcou os 30 anos de convívio do escritor com sua arte", não só em vários órgãos da imprensa paraense, mas ainda no Rio de Janeiro ("Jornal do Brasil"), na crítica cinematográfica (Pará e São Paulo) e na condição de Diretor-geral da Imprensa Oficial do Estado.

Usando a prosa como seu veículo formal, o autor de "O GRÃO DA ESCRITA" transcende as linhas rígidas do jornalismo e propõe-se estilista de largos recursos, derramando a funda linfa poética em quase todos os textos da obra.

Desse livro, que consideramos leitura obrigatória para todos quantos sentem além das palavras e, emergindo dos horizontes humanos, alcançam a necessidade do Eterno, damos uma amostra, um curto relato do poder verbal de ACYR CASTRO, a seguir.

(1)

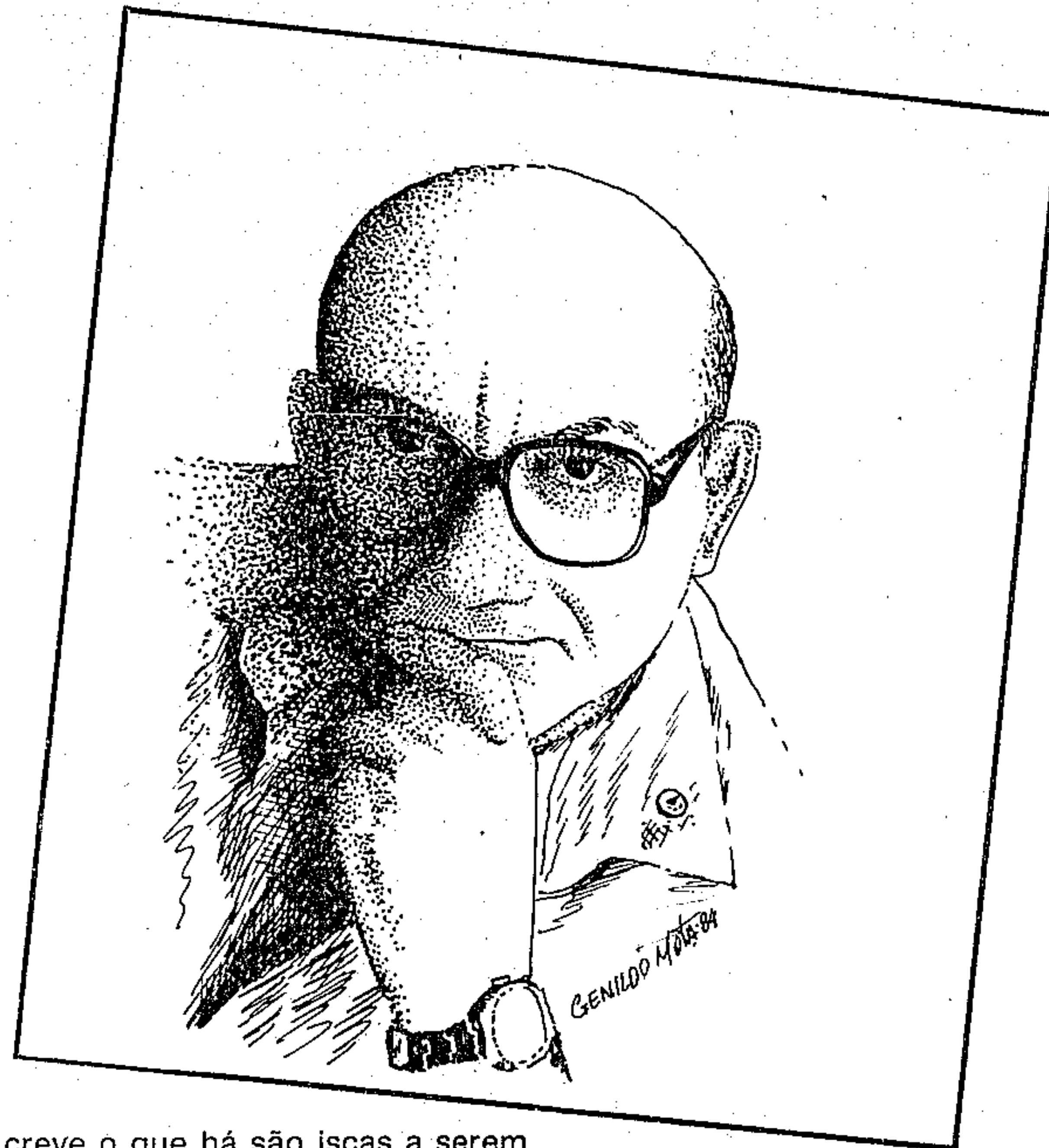
Quem te garantiu, aquela noite, que o amor poderia ser reinventado? O ar triste, brusco, que era o meu, apesar todas as minhas gargalhadas, ou o ritmo Teu de elegia diante de mim? Me trouxeste o verão, já que a primavera não era mais. O olhar-oferta que se encontrou contigo sou, hoje, o porto em que Te abrigas a singlar o maralto.

(5)

Do meu livro sobe um fim de noite. (.....)

Escrever é usar a palavra como analogia. Antes do que s'es-

SUPLEMENTO CULTURAL - 20 DE ABRIL DE 1984



creve o que há são iscas a serem lançadas. Pela linguagem é que o esforço de humanização contorna o indizível. Só quando se alcança o real é que cessa a visão do silêncio.

Quando escrevo nomeio ao universo, incorporando a palavra o que possa vir-a-ser. Por isso: toda escrita minha equivale a uma confissão.

Bastou nascer pra que me coubesse a dúvida. (.....)

Creio fundamental, sobretudo a quem queira pensar o problema da renovação dos instrumentos poéticos, ler/reler Saint-John Perse — inclusive no que seja coextensivo à natureza do objeto verbal, a meu ver uma necessidade para quem assume postura crítica diante do mundo.

Tudo afeta o corpo que somos, inclusive, ou sobretudo, a palavra. (.....)

Gritar, a fim de que se ouça o silêncio.

Gira a roda o vento derredor. E me orvalho de mar à janela do apartamento. Há de haver chuva na distância. Mesmo assim, abeiro à sacada. Esperando o sol.

O relógio assinala, nesta carência, a minha quinta cuba-libre. (.....)

E como conseguir dormir se o que quero, careço e necessito é de voar?

Somente no acender das trevas do quarto é que descubro choro, já que a luz pouco desvenda o nosso segredo. (.....)

Fratutando o incomum lugar-comum do amor. (.....)

Sobre a exausta coragem a esperança, que é triste, se perde em descaminhos. Cavalgo, assim mesmo.

A noite viaja em mim, calada. E guardo, entre o peito e o vento, a Tua ausência.

BENEDICTO MONTEIRO: CHEIO DE MILAGRES

O escritor empossado dia 22 na Academia Paraense de Letras, na cadeira inicialmente ocupada pelo obidense Inglês de Sousa, apresenta dois tipos de embaçamento: — o de divulgação, pela projeção que seus romances e contos obtiveram em todo o território nacional e o de construção, pela origem, pela trama, pelo entranhamento da linguagem ao meio.

Difícilmente o escritor reflete a pureza do palavreado local, se não convive seu enraizamento com a terra original. E mesmo quando ele, refletindo o local, telurizando-se ao máximo, cria termos novos e os semeia no texto, a artificialidade da linguagem não escapa aos leitores mais sagazes.

Ponto alto da literatura nacional, colocado em plano gêmeo com o seco, puro e exato Machado de Assis, Guimarães Rosa traiu-se em muitos passos, com os neologismos: nos sertões das Gerais a linguagem desconhecia, na realidade, as criações do autor, que alcançam o esplendor, o sabor apurado e a valorização estética só perante o leitorado consciente.

Sei que o fã-clubista roseano me maldiria por essa afirmação, como tenho consciência de que o admiro tanto quanto a Machado de Assis. E ainda concluiria a comparação, afirmando: tanto quanto *Benedicto Monteiro* consegue escapular daquele alcapão.

A limitação espacial impede-me uma análise mais ampla.

Entretanto, um golpe de vista no livro de contos "CARRO DOS MILAGRES" permite detectar os traços confirmatórios daquela alegação.

No conto homônimo, de abertura desse livro premiado pela Academia Paraense de Letras, em 1971, há expressões puras do caboclo ribeirinho, especialmente do pescador da região do Salgado,

muitas ainda usadas nos recantos mais protegidos da influência televisiva, por vezes profundamente perniciosas à originalidade vocabular das comunidades interioranas. Vejamos algumas:

"...nem da furiosa chuva, nem da medonha água, que se **coliar**am com a noite e o raio.../ A água não tem cabelo. E a triste noite era tão lisa e **desconforme**, que a lua, as estrelas, a brisa andavam escondidas nos escuros **escaninhos** dos horizontes sem fim./ Eu estou **contandozinho** esta história.../... que nesse exato momento devia de estar fazendo a desinfeliz travessia. /... a cumieira da casa que o vento parresque queria porque queria arrancar. /... da mais difícil e **aguniosa** travessia... /... foi meu finado irmão e minha velha mãe com sua promessa, que salvaram **este-um**, que está contandozinho **esta** história aqui em riba **desta** canoa ancorada na lama **deste** cais./ O Carro, **a-modo**, representava um barco./ **Com-pouco** a praça estava cheia. /... esperando o Círio? Da véspera? Da ante-véspera? **Donte? Dontonte?** Desta noite ou des da manhã, o senhor sabe? Nem diga que esse **mundão** de gente que horas e horas passa na nossa frente, é o Círio... Quando este **poder de povo** tiver unido-unido, carne-e-unha, ombro com ombro, cabeça com cabeça, esprimido nas paredes, que zolho não for mais zolho, cara não for mais cara e cor não for mais cor.../ Por Deus, que eu não sei como vou **tintiar** esse barco na mão por cima de ombros e cabeças.../ **a modo que** eu achava que era lambança é pãvulage."

Há palavras dicionarizadas e não-dicionarizadas (estas - invenção do povo). Há, entre as palavras dicionarizadas, muitas que se aposentaram na fala metro-

politana e tendem a desaparecer rapidamente nas sedes dos municípios interioranos, com exceção (relativa, se possível) dos municípios pesqueiros.

O uso de sufixos, por premência afetiva, entre o povo simples, é um fato incontestável e uma deliciosa experiência. Isso, mais intensamente, quanto aos diminutivos, afixados a quaisquer outras palavras, sejam os nervosos verbos, os práticos substantivos, os circunstanciais advérbios ou os gordurosos adjetivos. Aí está esse admirável **contandozinho**, em locução com o verbo auxiliar (estou), e **aguniosa, mundão** e outros exemplos plantados na extensão do livro.

As repetições, como reforço da realidade, como prova de veracidade nas conversas do caboclo, têm lugar intransferível ("foi meu finado irmão..."): a presença repetida do demonstrativo.

Expressões típicas, adulterações de formas pré-existentes, criações fortuitas que ganharam cidadania e permanecem (queria porque queria, poder de povo, doente, a-modo, etc...) dão outra coloração ao texto, desconvenacionalizando-o.

E uma arma admiravelmente usada nesse tipo de expressão, é como as ripas contendo o peso das telhas, a brida equina, a escota na segurança da vigilância — o contraste, a antítese. Os personagens de BENEDICTO MONTEIRO são exímios em usá-la: "Mas assim como a noite botou o inferno no meu caminho, o dia trouxe a Providência Divina pra me socorrer". / E pensando no morto, rezou pelo vivo... / Eles chamavam de menino mas ele já era um moço..."

Mas nem só dessa fidelidade vive BENEDICTO MONTEIRO. O autor de "Verde Vagomundo", "A Terceira Margem" e "Mi-

nossauro", alenquerense, atual Procurador Geral do Estado, também expressa emoções poéticas na corrente da prosa, num ultrapasse do prosaico e da corrida solta do prosador.

Exemplos: "Aí o silêncio criava aqueles tantos mundos entre dois homens de parelha juntas. Entre dois homens emparelhados no campo, sempre o silêncio aumenta por demais. (...) Silêncio, tempo e distância se misturavam". / "A escuridão que me cercava, fechava o mundo até para os meus pensamentos. Um escuro assim no mato e dentro da gente, é pior que um rio sem margem; pior que um poço sem fundo. Faz a gente descer em negras profundidades." / "A cobra fechava os olhos e erigolia o vôo no ar." / "Foi então que a noite ficou tão dura e tão pesada, que esperei o desabamento do mundo sobre mim. Depois esperei o sepultamento da floresta. Depois esperei uma lágrima para os meus olhos. Depois esperei um eco de tudo aquilo reboando na escuridão. / Vieram os pirilampos povoar meus pensamentos. Foram as primeiras brechas naquele desconforme escuro. / "A chuva tem uma cantiga antiga de enganar o sol; de misturar o dia com a noite; e de ensinar o pobre adormecer com fome. A chuva tem uma conversa-fiada-tecida-na-palha que até é doce de se escutar..." / "Podia ser que meu coração espalhado em estilhaços, virasse estrelas-pirilampos. Podia ser que ele virasse em línguas de fogo, douradas borboletas, flor em chama, asas de sangue ou chuva de vagalumes. Podia ser que ele até ficasse dividido, esmigalhado, feito barro, feito terra, feito fogo em flor, feito lama..." / "Todo o lago era meu naquela madrugada".

Como se vê, BENEDICTO MONTEIRO fez-se um veículo pleno de milagres. (J.I.)

POESIA MARANHENSE: MAESTRIA POPULAR

O MAIOR CANTADOR MARANHENSE

O cantador, o improvisador, o violeiro nordestino está sempre em pauta. A tradição intervém colocando o repentista paraibano, pernambucano, sergipano, rio-grandense-do-norte, piaulense, cearense, baiano, em primeiro.

Claro que não contestamos, mas nosso propósito é verificar que os cantadores do extremo norte revelam-se, às vezes, em destaque idêntico, fazendo a mesma figura artística, igualando-se aos elogiados nordestinos, no canto ao pé da viola, na indireta rimada, a malícia, a sentença, o lirismo, o instantâneo, o debate, na expansão da inteligência. Dizendo o que vem à hora, refletindo um encanto de paz, ou uma agressividade da guerra verbal, sem graves consequências. Irrompe o entusiasmo de todos e a arte se pereniza, na trova, na sextilha, oitava, décima, o galope-agalopado, martelo, martelo-sinta-por-dois, martelo à belramar, galope, descassilabo, etc.

O improvisador Chico Braço, natural de Buriti Bravo (MA) (1876/1906), marcou época. Em 1905, cantou com o piauiense Zé do Pano, da mesma idade, constituindo memorável encontro de 17 sextilhas publicadas no *Almanaque do Rio Grande do Sul* para o referido ano.

Trazemos algumas dessas sextilhas do grande aedo:

— Uma flor já sem aroma
caída morta no chão,
eu cantando junto dela
ao terno som do baião,
exala aroma de novo,
revive e torna em botão.

Chico Braço era tido como o maior repentista dos sertões, compreendendo aquelas bandas do antigo Bacurí, Laranjeiras, hoje Buriti Bravo, incluindo Pastos Bons e Picos, atualmente Colinas e outros municípios:

As aves do Maranhão
em festa se combinaram
e emudeceram nos ramos
quando brincando escuta-
ram
meu peito cantar as mágoas,
as mágoas que me mata-
ram.

Seus versos são realmente seguros e inspirados, como se pode ver nestes comprovantes de poesia lírica, séria e significativa:

Eu parto não sei se parto
eu fico não sei se fico
porque a morena ficando
eu a todos certifico
que ainda mesmo amarrado
não parto não vou nem fico.

O elogio da viola, a companheira inseparável, vem por estes versos inconstantes:

Loira viola das festas
feita de ais e gemidos,
soletra o nome saudade,
fala dos peitos partidos
e conta à minha morena
meus belos sonhos perdidos.

Mentalmente erigimos, aqui, no bronze do reconhecimento, a estátua de Chico Braço, lá na Praça de Santo Antônio, em Buriti Bravo, a cidade progressista do babaçu, arroz, algodão, a cultura da cana, do fumo e do milho, a agricultura em geral.

O MAIS VALIOSO ACHADO

O Maranhão, pela alta poesia, a consagrada, a magnífica, a erudita, a clássica, deixa de lado sua preciosa poesia de cordel, a do improviso falado em língua sertanejada, amada pela gente do agreste e apreciada por todos.

Inspirada, não resta dúvida, a poesia popular da terra de Gonçalves Dias.

Depois de Chico Braço, Fausto Mambira e Marcos Paixão, cantadores improvisadores ao pé da viola. Aquele, da Barra do Corrente (1880/1910), e este, de Buriti Bravo (1881/1912).

Cantavam eles numa tarde de sábado, na varanda da casa comercial do Cel. Antônio Escoto Muniz (em Buriti Bravo), em maio de 1912.

Com um olhar de relance, notaram, dentre os muitos admiradores, ao seu redor, ouvindo-os, que o professor do povoado aí também estava, ajudando a bater as merecidas palmas a que tinham direito. Então resolveram pôr mais algum apuro no verso, para mostrar sabedoria ao mestre.

Fausto: — Quando aprendi deco-
rei

essas aspinhas que são
duas divisas de cabo
no braço da oração

Marcos: — Que disse tudo ele jul-
ga
porém eu vou dizer
mais:
o acento agudo é uma
pulga
na cabeça das vogais!

As palmas estrondaram, com o regozijo de todos. Depois desses improvisos felizes, a cintilância do estro caboclo chega ao cúmulo justamente neste ponto. Depois dos aplausos que acabavam de ouvir, produziram estes versos imortais com retentiva de gênio:

Fausto: — Cedilha é barba de C
um b com i é b-i- bi;
o 3 é o bucho do B
e o pingo o boné do l...

Marcos: — O til é o S esticado
nada vale estando só,
é a constipação do
som,
põe fanhoso o a e o o.

Os aplausos interromperam a festa; saíram os dois para a janta oferecida pelos amigos, e a alegria se estendeu até tarde, patenteada por todos, pelo justo motivo do improviso sem precedente hoje em antologia, com a melhor referência.

Estes notáveis versos de improviso já foram citados por Malba Tahan, a primeira quadrinha, no livro *Folclore da Matemática* (lendas, histórias e curiosidades), em 1954; por Luís da Câmara Cascudo, em *Vaqueiros e Cantadores*, 1970, as duas quadrinhas; pelo radialista Almirante, em 1975, em página de jornal, e outros, em revistas e suplementos de publicações brasileiras.

Também estes, pelo primeiro escritor citado no referido livro:

O casar tem quatro S
e eu te digo o que é que são:
S — saía — S — sapato
S — sai — S — sabão.

Marcos Paixão

Para mim igual ao S
não houve nem haverá,
S — sabê — e senhora,
S — santa — S — Sinhá!

Fausto Mambira

(Extraído do livro "O Maranhão na Poesia Popular", de Félix Aires — Ed. SIOGE — S. Luís - 1977).

Carlos Rocque:

Pesquisa em Alta Dimensão

Enciclopedista, jornalista, historiador, contista e romancista, detentor de medalhas, diplomas e condecorações em S. Paulo e Belém, CARLOS ALBERTO ROCQUE, ao tomar posse na cadeira nº 10 da Academia Paraense de Letras; em 14.08.81, escutou do venerando mestre Aldebaro Klautau, em seu último e magnífico pronunciamento acadêmico, estas palavras:

"Devo afirmar que, desde muito tempo, revelaste méritos para, como integrante deste Instituto, trabalhar "pelo desenvolvimento cultural das várias manifestações da criação literária, científica e artística" em nossa Terra, que é, em resumo, o objetivo traçado por nossos Estatutos".
E mais:

"Onde, no entanto, traduziste extraordinário senso de deslumbrado perquiridor de nossa gente e de nossa terra - a Brasamazônica, a Amazônia Brasileira, a legítima, a que Deus traçou, através de seus contornos geográficos, dentro dos esplendores de uma natureza privilegiada, e não essa Amazônia chamada legal, desvirtuada por preconceitos e interesses humanos - foi na "GRANDE ENCICLOPÉDIA DA AMAZÔNIA" em seis volumes".

E falou, no seu discurso de posse, CARLOS ROCQUE:

"Hoje, confesso com toda a minha sinceridade, é um dos dias mais importantes de minha vida, desta vida às vezes sofrida, com amargas, muitas amargas experiências de falsidade. Mas, também, encontrei pessoas com quem pouco convivi e que se revelaram amigas, desinteressadas, executoras da bela teoria do solidarismo cristão. São as compensações da vida. Eu sou amigo de meus amigos e posuo um forte sentimento de gratidão. E a importância desta solenidade, para mim, está nisso, nos dois elos conforme já frisei, que nesta noite se entrelaçam: no fato de eu substituir um amigo, que foi Meira Filho, e de ser saudado por outro amigo Aldebaro Klautau. Procurarei não decepcioná-los. Como procurarei, também, honrar o convívio com os componentes desta Academia, onde hoje sou recebido como o mais novo de seus membros".

Nascido em 28-04.38, exerceu, desde 1959, atividades em jornais do Rio de Janeiro (Diário de Notícias), e de Belém, em editoras, e já publicou as seguintes obras: "O Poço dos Anseios Perdidos" (romance-1962), "Logo Depois das Chuvas" (contos-63), "Grande Enciclopédia da Amazônia" - 06 volumes (67-69), "Antologia da Cultura Amazônica" - 09 volumes (70-71), "História do Cirio e da Festa de Nazaré" (81), "Depoimentos para a História Política do Pará" (81), "A Formação Revolucionária do Tenente Barata" (83).

Mas toda essa tendência para a pesquisa histórica, desabrochada, com êxito, na maturidade, já se demonstrara desde os 19 anos, quando, em programas de grande audiência, como "O Céu é O Limite" (da Rádio Marajoara) e "A Cata da Fortuna" (TV Marajoara), mostrou seus conhecimentos sobre temas da história pátria, como "Bandeirantismo Paulista", a "Guerra dos Emboabas" e "A Revolta de Vila Rica de 1720".

Eis uma pequena amostra do estilo de Carlos Rocque:



"Mas a simplicidade de Eládio não se espelhava apenas nas roupas dos seus repórteres. Ele foi um homem simples. Simples e humilde. Jamais se deixou empolgar com a sua posição. Jamais pisou em cima de quem quer que fosse. Eu duvido que tenha feito inimizados com qualquer um dos seus subordinados. Além de simples, humano. Além de humilde, um senhor profissional. Sim, porque debaixo daquela capa de humildade, de transigência, vivia um dos maiores profissionais da imprensa que eu conheci em mais de duas décadas de militância jornalística. E que repentinamente se foi, deixando em todos nós, que com ele trabalhávamos e convivemos, um vazio muito grande, tão grande quanto a sua capacidade". (Da crônica sobre o falecimento de Eládio Malato/ "A Província do Pará" 1982).

☆☆☆☆

"Os Homens Que Mais Governaram o Pará — A título de curiosidade... este colunista falará dos homens que mais governaram o nosso Estado. Uma estatística que servirá para algum pesquisador que esteja interessado no assunto; ou para qualquer curioso.

No período republicano, poucos homens governaram mais de uma vez o Pará. Ao todo, cinco: Lauro Sodré (duas vezes), Augusto Montenegro (duas vezes), Magalhães Barata (três vezes), Moura Carvalho (duas vezes) e Alacid Nunes (duas vezes). Houve outros, mas em caráter interino; houve José Malcher, que de governador passou para interventor; e, ainda Zacharias de Assumpção, que, na qualidade de interventor, assumiu em 1945, quando da queda do Estado Novo, governando por seis dias; cinco anos depois foi eleito governador, ficando no cargo por cinco anos mais". (De "A Província do Pará" - 04.05.82).

☆☆☆☆

"Os meninos se dividiam, brincando de petecas, de pião, de empinar pagagalo ou chutando bolas de meia, os gritos de gol se confundindo na zoadeira da rua. Dona Cândida, cara encriquilhada, soprava o pequeno fogareiro, levantando nuvens de cinzas. O tucupi ferver, tirava a panela, colocava a de goma. Nas tardes sem chuva vendia muitos tacacás, féria para lá de boa. Sentava-se no banquinho de pau, ficava esperando por algum freguês, os olhos dançando, a modo aninga de buíva, ora nas meninas em roda (Marlinha, sua filha, era aquela crioulinha de braços dados com aquela brancosa, a Diquinha do seu Guimarães), ora nos meninos que jogavam bola (o Bené, filho mais velho, era aquele sacai de calção azul, o mais danisco, o que mais espinoteava). Trazia-os pra ajudarem, lavando as cuias, descascando os camarões, tirando florzinhas dos jambus. (...).

E as meninas, de braços dados, cantavam: **Que se chama, que se chama solidão.** As vezes tomavam conta da travessa, a bom espalhar ternuras, a bom atrair saudades...

Os carros buzonavam, lá na Pedro Miranda; a ventação bulia com as saias das moças, o jornalista passava gritando os crimes do dia; a Conceição - Perturbada aquecia o ferro de engomar, a Zuleida aquecia o de-comer, tamuatá-no-tucupi sobrado do almoço, a Maclina preparava o caribé da curuminzada.

Na rua, as meninas sujavam os pezinhos nus, em roda cantando: **Dentro dele, dentro dele mora um anjo.** (...).

Debaixo da mangueira, as meninas cantavam: **Nesta rua, nesta rua tem um bosque.**

Em outras tardes, há 18, 20 anos atrás, ela também brincava de rodas, cantando a mesma modinha, também debaixo de uma mangueira, defronte da casa. Era bonitinha, assinzinho como vocês. Sabem como se chamava? Sueli. Nome bonito, não acham? Eu ficava sentado, ouvindo a voz da minha filhinha. Ficava horas perdido. Ela ria pra mim, sempre que o olhar dela com o meu se encontrava. Que saudades, meu Deus, que saudades daquele risinho que me fazia um homem tão feliz... Um dia aquele risinho se apagou; se apagou devagarinho, devagarinho. E nunca mais tive bem-querer. Nunca mais. (...).

Anjos são vocês, minhas amiguinhas, que cantam a mesma modinha que minha filhinha cantava. Uma vez passei por aqui, ouvi vocês, parei. Não sei se vocês repararam que meus olhos choraram. Era um choro de muita saudade. Depois fui me esconder e chorei muito, parece quando meus colegas me batiam. Eu sempre tive muito medo de apanhar. Mas isso não interessava vocês, não sintam pena de mim. Nem fiquem tristes, continuem cantando pra mim esta modinha, é a última vez que verei aqui, promessa de-vera, acreditem, não quero mais ouvir, já chega de consumição. (...).

(Trechos do conto: "Distante do Cantar, Além", extraídos da ANTOLOGIA DA CULTURA AMAZÔNICA, Amazônia Edições Culturais Ltda. (Amada), vol. III).